

SARA VIDAL MAIA, MARIA MANUEL BAPTISTA  
& MOISÉS DE LEMOS MARTINS

saravmaia@ua.pt; mbaptista@ua.pt; moisesm@ics.uminho.pt

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – CECS /  
UNIVERSIDADE DO MINHO / UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL

## QUANDO A ANÁLISE DE CONTEÚDO “VAI MAIS ALÉM”: ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS POR MULHERES N' *O ILHAVENSE*

### RESUMO

Este texto resulta de uma investigação alargada – realizada no âmbito do doutoramento em Estudos Culturais, sob o título “Relações de poder e identidade(s) de género: a sociedade “matriarcal” de Ílhavo na década de 1950” – que visa responder à questão de investigação: era ou não Ílhavo (na década de 1950) uma sociedade matriarcal? – análise de discursos de um jornal local. Com a proposta que aqui se submete procura-se apresentar o processo metodológico aplicado no estudo, sobretudo as implicações envolvidas numa investigação qualitativa que usa a técnica da análise de conteúdo de uma forma profunda e meticulosa. Assim sendo, será apresentado o processo de análise de dados, em particular no que diz respeito à escolha metodológica, ao uso da amostra teórica, ao preenchimento de grelhas de análise, e ao método de análise e discussão dos dados, especificamente no caso dos textos escritos por mulheres.

### PALAVRAS-CHAVE

Análise de conteúdo; mulheres; jornal *O Ilhavense*

---

### 1. QUE INVESTIGAÇÃO?

Este artigo reúne parte de uma investigação alargada – realizada no âmbito do Programa Doutoral em Estudos Culturais, sob o título “Relações de poder e identidade(s) de género: a sociedade ‘matriarcal’ de Ílhavo na década de 1950” – que visa responder à seguinte questão de investigação: era ou não Ílhavo (na década de 1950) uma sociedade matriarcal? – análise de discursos de um jornal local.

A questão referida impôs-se em resultado de um conjunto de circunstâncias históricas e teóricas que afirmavam a excecionalidade social de

Ílhavo, apresentando-o como uma sociedade patriarcal, visto que a maior parte da população masculina se encontrava ausente, por longos períodos de tempo, por causa da pesca longínqua (particularmente a pesca do bacalhau, na década de 1950).

Para responder à questão proposta, a investigação divide-se em duas partes, sendo que a primeira é composta pelo enquadramento teórico e epistemológico, e a segunda pelo estudo empírico propriamente dito (embora ambas as partes frequentemente comuniquem). Na primeira parte, discutem-se os conceitos de poder, discurso e identidade (particularmente identidade(s) de género) no âmbito dos Estudos Culturais, para depois se abordar os média como veículo fundamental na construção, disseminação e interpretação das diferenças de género. A segunda parte, que começa por introduzir a metodologia de investigação, apresenta um estudo empírico que procura, através da análise dos discursos (textuais e icónicos) de um jornal local – *O Ilhavense* –, para perceber se Ílhavo era ou não, naquela época, uma sociedade verdadeiramente patriarcal.

A proposta aqui submetida procura apresentar o processo metodológico aplicado no estudo, sobretudo as implicações envolvidas numa investigação qualitativa que usa a técnica da análise de conteúdo de uma forma profunda e meticulosa. Assim sendo, será apresentado o processo de análise de dados, em particular no que diz respeito à escolha metodológica, ao uso da amostra teórica, ao preenchimento de grelhas de análise, e ao método de análise e discussão dos dados, especificamente no caso dos textos escritos por mulheres.

## 2. ESCOLHA METODOLÓGICA

Esta investigação caracteriza-se por procurar estabelecer uma proximidade com as normas de uma metodologia “mista”, pois só esta permite, com as premissas formuladas (com base na articulação entre teoria e estudo empírico), encontrar quadros conceptuais de interpretação do material estudado. Quanto aos métodos utilizados, caracterizam-se por tentar estabelecer um equilíbrio entre os processos indutivo e dedutivo, por incentivar a racionalização de conceitos teóricos fundamentais, e por procurar, com o auxílio do estudo empírico, encontrar respostas para os objetivos da investigação.

Olhando para o objeto em estudo e para as leituras feitas no processo de contextualização teórica, foi possível criar um modelo de análise que traz legitimidade empírica a esta investigação. Portanto, a investigação

realizada valoriza o estudo empírico, que se encontra alicerçado num modelo pós-estruturalista que reconhece a importância fundamental da contextualização histórica e temporal dos acontecimentos, e que é particularmente inspirado nas obras de Butler (por exemplo, Butler, 1990) e Foucault (por exemplo, Foucault, 1972).

Particularmente nos estudos dos média têm sido utilizadas várias metodologias que procuram técnicas para medir os fenómenos sociais. Contudo, atualmente, os investigadores sociais e das humanidades reconhecem o valor interpretativo dos métodos, pelo que dão preferência às metodologias qualitativas, que “são projetadas para explorar e avaliar coisas que não podem ser facilmente resumidas numericamente” (Priest, 1996, p. 5), sobretudo quando se trata de uma investigação empírica. Deste modo, segundo a publicação *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso* (2010) de Isabel Guerra, apesar de existir uma clara rutura epistemológica, teórica e metodológica entre as metodologias indutiva e lógico-dedutiva, estas duas vertentes não devem ser consideradas, hoje, como opostas, na medida em que se influenciam e podem ser utilizadas em conjunto, fortalecendo os estudos qualitativos.

Quando se trabalha com uma metodologia que privilegia a análise das experiências e o significado da atividade social, é possível a utilização de formas de recolha, de tratamento e de análise de material muito diversas. Todavia, tal como qualquer outra ciência, que se socorre da lógica, do rigor e da coerência, a metodologia qualitativa atinge estas três características através da legitimação (interna e externa) e da fiabilidade das suas abordagens.

A legitimação interna prevê a exatidão dos resultados que são alcançados através da discussão teórica e da inclusão do sentido crítico e da empatia do investigador. A legitimação externa da investigação qualitativa é atingida quando é exequível perceber se é possível ou não “generalizar” resultados, ou seja, se existe, por exemplo, algum tipo de representatividade sócio-simbólica ou se esta se encontra limitada de alguma forma. No que diz respeito à fiabilidade, os investigadores qualitativos admitem apenas uma noção restrita do conceito, ou seja, substitui-se a preferência pela estabilidade dos resultados, por uma preferência à aplicabilidade extensiva (espácio-temporal) das ferramentas conceptuais utilizadas numa dada investigação. Só seguindo este modelo é que foi possível, nesta investigação, recolher uma amostra teórica.

### 3. AMOSTRA TEÓRICA

Um dos aspetos fundamentais a discutir na construção de um modelo qualitativo é o conceito de amostragem, visto que não se procura uma representatividade estatística. Assim, Guerra (2010) salienta que no lugar da amostragem devem ser considerados dois conceitos que vão garantir a representatividade e a generalização da análise: os conceitos de diversidade e de saturação.

Segundo a autora supracitada, a diversidade (que pode ser externa ou interna) implica a garantia de que a utilização do material para análise se faz tendo em consideração a heterogeneidade dos fenómenos que estão a ser estudados. A diversidade externa atinge-se com a multiplicidade de sujeitos ou de situações no contexto social ou, no caso deste estudo, com a escolha de jornais variados para que a amostra seja constituída a partir de uma diversificação de elementos. A diversidade interna tem um intuito teórico diferente e aplica-se quando o investigador procura “explorar a diversidade de um conjunto homogéneo de sujeitos ou situações” (Guerra, 2010, p. 41), pelo que é necessário garantir a variedade interna de um determinado grupo ou situação.

Em relação ao conceito de saturação, percebe-se que quanto maior é a diversidade de elementos presentes num estudo, mais complicado se torna atingir o ponto de saturação do mesmo, o que significa que os conceitos de diversidade e de saturação são contrastantes. A função da saturação é a de indicar ao investigador quando deve parar a recolha de dados, ao mesmo tempo que permite generalizar os resultados da pesquisa ao universo analisado. Deste modo, os conceitos de diversidade e de saturação auxiliam na definição da amostra que fará parte do estudo; amostra esta que, nesta investigação específica, foi denominada de amostra teórica<sup>1</sup>.

Importa ainda salientar que a amostra teórica desta investigação se baseou não só nos conceitos de diversidade e de saturação de Guerra (2010), como também nas quatro normas que Bardin (1991) acredita serem a base da amostragem qualitativa: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Quer isto dizer que os dados d’O *Ilhavense* utilizados nesta investigação resultaram de um extenso levantamento e de uma meticulosa seleção, que garantiram uma leitura/análise pertinente e representativa de uma realidade específica, num contexto particular.

---

<sup>1</sup> O conceito de amostra teórica contrasta com o de amostra aleatória, regularmente adotada pelos estudos quantitativos.

#### 4. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este estudo visa recolher e analisar discursos (de género) contidos no jornal *O Ilhavense*, de forma a compreender como estes são constitutivos e representativos da realidade social. Nesta afirmação encontra-se a premissa de que as práticas discursivas são práticas socioculturais, (re) produzidas através de relações de poder, num determinado contexto espaço-temporal. Portanto, esta investigação procura identificar que tipo de ações estão relacionadas com as relações discursivas presentes neste jornal, quais os objetivos que estão na base destes textos e imagens, que tipo de relações de poder circulam entre os géneros e quais as formas de resistência que se verificam. Para colocar em prática estas premissas, tomou-se como opção o uso da técnica qualitativa da análise de conteúdo, que se releva a forma mais indicada para o estudo deste tipo de discursos.

Segundo Bardin (1991), apesar de a análise de conteúdo ter surgido no seio da hermenêutica, da retórica e da lógica, o seu grande salto metodológico deve muito ao estudo das comunicações e à semiótica. A análise de conteúdo revela-se um instrumento bastante eficaz para a análise dos discursos, pois permite alcançar, através de várias formas e métodos, os sentidos latentes das mensagens, em diversos domínios (escrito, oral e icónico). É esta posição que leva Bardin (1991, p. 9) a afirmar que a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (...) extremamente diversificados”.

Efetivamente, a análise de conteúdo não deve significar contar”ou medir, mas sim interpretar e compreender práticas e experiências, através da construção de significados. A análise de conteúdo auxiliou na descodificação das mensagens e das condições de produção de discursos presentes n’*O Ilhavense*, alcançando uma leitura simbólica que resultou da conjugação de duas dimensões: uma descritiva e uma interpretativa.

A interpretação do que representa a análise de conteúdo e a sua estruturação metodológica encontram-se bem esquematizadas nos trabalhos de Bardin (1991) e de Guerra (2010), pelo que estes servem de inspiração para esta investigação. Segundo as autoras, existem várias fases e diferentes tipos de análise de conteúdo que auxiliam na aplicação desta técnica e que são igualmente consideradas neste estudo. Nesta investigação particular, o uso da análise de conteúdo respeitou quatro etapas essenciais: 1) análise prévia; 2) exploração dos dados; 3) tratamento e interpretação dos dados; e 4) discussão e divulgação dos dados.

Na fase da análise prévia, foram organizados os primeiros esquemas teórico-práticos de incursão pelo estudo empírico e sistematizadas as primeiras ideias com base na questão e nos objetivos de investigação. Nesta fase, deu-se o primeiro contacto com o material, tendo sido fotografados todos os exemplares impressos que se pretendia incluir no estudo. Esta primeira abordagem permitiu selecionar os textos e as imagens a serem submetidos à análise, bem como as categorias que seriam consideradas.

Numa segunda fase, o material recolhido foi explorado de forma minuciosa, o que se revelou essencial para delimitar a estrutura de análise, que surgiu exatamente antes do processo de interpretação e inferência dos dados. Este foi o momento em que ficaram delimitadas estratégias e foram reajustados objetivos.

Na terceira fase da análise de conteúdo realizada neste estudo, os dados foram tratados e legitimados. Este foi o momento em que a investigadora começou a interrogar-se sobre os fenómenos culturais, inferindo e interpretando o sentido social latente do material. Nesta fase do processo é preciso ter sempre em consideração que o material empírico e a teoria interrelacionam-se e comunicam constantemente. Procurou-se, portanto, obedecer a alguns pressupostos que permitissem refletir sobre a legitimidade e a fiabilidade do estudo: procurou-se executar uma pesquisa exaustiva, pertinente e homogênea que atingisse uma consistência argumentativa interna. Cumprido todo o processo de análise, este estudo garantiu a diversidade (externa e interna) e saturou a informação, pelo que os riscos de generalização são semelhantes aos de qualquer outra investigação.

## **5. CONSTRUÇÃO DO CORPO DA ANÁLISE: APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS**

Esta investigação procura pensar ao nível do discurso (mediático) e dos efeitos, causas e ações que são reproduzidos e que isso reproduz, pois, mais do que reconhecer a existência de normas abstratas que norteiam os sujeitos e a sociedade, é importante entender que a sua verdadeira natureza reside na prática, onde elas têm o verdadeiro valor. Desta forma, este estudo começa por procurar responder a uma questão central: era ou não Ílhavo (na década de 1950) uma sociedade patriarcal? – análise de discursos de um jornal local. O período escolhido representa o expoente da pesca do bacalhau, que obrigava a longos períodos de ausência masculina (que podiam ascender aos 12 meses), naturalmente substituídos pela assinalada presença feminina.

De forma a perceber como esta atividade específica altera uma determinada sociedade (num período de tempo particular) e influencia as representações de género e as dinâmicas de poder, procedeu-se à recolha de informação através da pesquisa da imprensa local, particularmente do jornal *O Ilhavense*. Os dados foram recolhidos de acordo com critérios previamente estabelecidos, identificados através da revisão bibliográfica, e que respeitam as necessidades do estudo. Posteriormente, os dados foram meticulosamente distribuídos em grelhas e analisados através da técnica da análise de conteúdo, para poderem ser discutidos os resultados. Neste sentido, pretende-se perceber se a sociedade ilhavense da década de 1950 é representada ou não como patriarcal, sendo para isso avaliados os discursos (textuais e icónicos) de género presentes no jornal, bem como as dinâmicas de poder estabelecidas entre homens e mulheres.

Para este estudo, foram especificamente analisados os números do jornal *O Ilhavense* correspondentes à década de 1950, sem recurso a programas informáticos de análise de dados. Os números dos jornais foram selecionados alternadamente – 1950, 1951, 1954, 1955, 1958 e 1959 – de forma a garantir a representatividade, a diversidade e a saturação da informação. Este levantamento reuniu e analisou um total de 10.104 peças escritas. As peças recolhidas são representativas de quatro assuntos maiores do estudo: “textos escritos por mulheres”<sup>2</sup>, “textos escritos para mulheres”, “textos sobre mulheres”<sup>3</sup> e “textos que fazem referência a mulheres”<sup>4</sup>. Há ainda um quinto assunto, o qual se apelidou de “outros” e para o qual são remetidas todas as referências que não se incluam nos assuntos anteriormente referidos<sup>5</sup>.

Para cada um dos assuntos anteriormente referidos, foi criada uma grelha de análise que identifica, em primeiro lugar, o número do jornal, seguindo-se a identificação e descrição do texto em análise. Esta grelha foi depois completada com as categorias e correspondentes problemáticas, fazendo-se estas últimas acompanhar, sempre que se revelou necessário e esclarecedor, de excertos exemplificantes. Este material foi organizado em quadros iniciais que foram sendo afunilados de acordo com as necessidades do estudo e o desenrolar da análise.

<sup>2</sup> Destaca-se que, quando um texto é escrito por uma mulher, esta dimensão terá prioridade sobre as outras, identificando-a como primordial.

<sup>3</sup> São excluídos textos referentes a santas, visto que não são relevantes para este estudo.

<sup>4</sup> Importa aqui distinguir as duas dimensões “textos sobre mulheres” e “textos que fazem referência a mulheres”. Por exemplo, se numa peça existir referência a várias pessoas – homens e mulheres – opta-se por “texto com referência a mulheres”; se numa peça existir apenas referência a mulheres, opta-se por “texto sobre mulheres”.

<sup>5</sup> Aqui se inserem todos os textos que não se referem, de qualquer forma, a mulheres.

Neste processo de análise foram consideradas diferentes categorias e níveis de categoria, adaptadas ao estudo, e que ajudaram a descrever, distribuir, esquematizar e interpretar o material e, conseqüentemente, os sentidos dos discursos. São estas categorias que auxiliam na construção mental daquilo que Guerra (2010, p. 85) apelidou de “ideais-tipo” ou construções discursivas da realidade. Estas categorias, criadas com base nos textos em análise, são também (re)validadas na teoria pela revisão de literatura. Assim, os textos do jornal *O Ilhavense* foram analisados segundo as categorias: “página”, “dimensão”, “relevância”, “tipo de texto”, “autoria”, “recurso a referências”, “tipo de tema”, “sentido do discurso”, “hierarquia”, “tipo de linguagem” e “mulher de Ílhavo”.

Importa neste momento ressaltar que, embora tenham sido levantados dados representativos dos “textos escritos por mulheres”, dos “textos sobre mulheres”, dos “textos escritos para mulheres”, dos “textos que fazem referência a mulheres” e ainda de outros textos, nesta tese de doutoramento foram analisados e discutidos profundamente apenas dois assuntos: “textos escritos por mulheres” e “textos sobre mulheres”<sup>6</sup>. De facto, estes dois assuntos, por representarem as mulheres-autoras e também aquilo que era escrito sobre o feminino, apresentavam-se como fundamentais para dar resposta à questão de investigação. Para além disso, a limitação de tempo não permitiria a análise de todos os assuntos levantados.

Houve ainda a preocupação em levantar e identificar todas as imagens presentes n’*O Ilhavense*, na medida em que é valorizada a importância dos discursos visuais na descodificação da(s) identidade(s) de género e na análise compreensiva das relações de poder. Neste sentido, foram levantadas 712 imagens, das quais 131 são de mulheres, 110 são de homens, 29 são mistas<sup>7</sup> e 442 não se incluem em nenhum destes assuntos<sup>8</sup>. Em cada imagem é identificada a página em que esta se insere, a dimensão da mesma, a relevância (local da página em que a imagem se insere), o tema<sup>9</sup> que representa, a legenda e uma breve descrição da imagem (com a preocupação de identificar se se encontram representações icónicas de mulheres).

<sup>6</sup> Embora, neste artigo, sejam apenas analisados e discutidos os dados relativos aos “textos escritos por mulheres”.

<sup>7</sup> Imagens que contêm figuras femininas e figuras masculinas.

<sup>8</sup> Para “outras” são remetidas as imagens com paisagens, animais e elementos construtivos, que não incluam figuras humanas.

<sup>9</sup> Os temas das imagens são os mesmos já indicados para os temas dos textos. Contudo, por necessidade de cumprir as exigências de algumas imagens, foi acrescentado um outro tema: “animação”. Já os temas “saúde” e “beleza” foram, no caso das imagens, reunidos numa só temática “saúde/beleza”. Destaca-se ainda que os temas das imagens estão diretamente relacionados com os temas dos textos. Por exemplo, se surgir a fotografia de uma mulher num anúncio da venda de uma bicicleta, o tema da imagem será “negócios/comércio”.



As análises permitiram, em primeiro lugar, uma abordagem quantitativa, pois foram contabilizados textos e discutidos dados tendo em consideração os anos em estudo (havendo lugar para a disponibilização dos dados em termos de percentagem). Numa segunda fase, os dados foram analisados através de uma abordagem qualitativa, que permitiu reagrupar categorias<sup>10</sup> e apresentar discussões (de poder, identidade e género) sobre os resultados obtidos. Especificamente no caso dos textos escritos por mulheres (que se apresentará neste artigo como exemplo do processo de análise), a discussão centrou-se na produção textual no feminino e nos perfis de mulheres identificados através da análise dos dados.

## 6. TEXTOS ESCRITOS POR MULHERES, N'O ILHAVENSE, NA DÉCADA DE 1950

### 6.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Do conjunto de peças recolhidas observa-se que existem percentagens demasiado baixas de autoria feminina, visto que das 10104 peças que constituem o universo da investigação, apenas 182 foram escritas por mulheres, o que corresponde a 1,8% do total (ver Tabela 1). Em todos os anos analisados, as percentagens de peças escritas por mulheres mantêm-se abaixo dos 2,3%, o que revela uma presença reduzida da produção escrita feminina n'O *Ilhavense*.

ANO	Nº DE PEÇAS ESCRITAS	Nº DE PEÇAS ESCRITAS POR MULHERES	PERCENTAGEM DE PEÇAS ESCRITAS POR MULHERES
1950 (ano 39)	1491	29	1,9%
1951 (ano 40)	1511	29	1,9%
1954 (ano43)	1892	44	2,3%
1955 (ano 44)	1711	24	1,4%
1958 (ano 48)	1699	28	1,6%
1959 (ano 49)	1800	28	1,6%
Total	10104	182	1,8%

Tabela 1: Peças escritas por mulheres na década de 1950

<sup>10</sup> A análise dos dados revelou a necessidade das categorias serem reorganizadas e reunidas em outras novas categorias, permitindo leituras alternativas.

Numa fase posterior, foi possível analisar o material, fazendo emergir as categorias identificadas como fundamentais para esta investigação. Assim, para cada peça escrita por uma mulher, em cada número de jornal, foram levantados e analisados dados referentes a seis dimensões fundamentais desses textos: “tipo de tema”, “tipo de texto”, “sentido do discurso”, “tipo de linguagem”, “hierarquia” e “mulher de Ílhavo”.

Como se pode observar na Tabela 2, os temas mais abordados pelas autoras das peças são a “criação literária” e a “morte/luto”, com 78 ocorrências (39% do total) e 38 ocorrências (19% do total), respetivamente. Seguem-se, ainda com alguma expressão, os temas “emigração” (10,5%) e “casamento/família” (9,5%), enquanto os restantes temas não possuem destaque significativo.

CATEGORIA	NÍVEIS DA CATEGORIA	1950	1951	1954	1955	1958	1959	TOTAL	%
Tipo de tema	Criação literária	10	15	27	11	9	6	78	39%
	Morte/ luto	4	5	5	3	6	15	38	19%
	Emigração	2	3	2	5	6	3	21	10,5%
	Casamento/família	3	2	2	2	7	3	19	9,5%
	Religião	2	0	1	2	1	2	8	4%
	Saúde	1	2	0	1	0	1	5	2,5%
	Mar/ vida marítima	1	0	0	1	2	1	5	2,5%
	Estudos/ educação	1	0	2	0	1	0	4	2%
	Assistência aos outros	2	0	0	0	0	1	3	1,5%
	Artes e espetáculos	0	0	0	0	2	0	2	1%
	Trabalho/ profissional	1	0	1	0	0	0	2	1%
	Lazer/ tempos livres	2	0	0	0	0	0	2	1%
	Justiça/ tribunais	1	0	0	0	0	0	1	0,5%
	Vida doméstica	1	0	0	0	0	0	1	0,5%
	Política/ economia	0	0	1	0	0	0	1	0,5%
	Infância	0	0	0	1	0	0	1	0,5%
	Negócios/ comércio	0	0	0	0	0	1	1	0,5%
	Beleza	0	0	0	0	0	1	1	0,5%
	Terceira idade	0	0	0	0	0	1	1	0,5%
	Outros	1	2	3	0	0	0	6	3%

Total	32	29	44	26	34	35	200	100%
-------	----	----	----	----	----	----	-----	------

Tabela 2: Ocorrências da categoria “tipo de tema”, nos textos escritos por mulheres, na década de 1950

Uma análise mais atenta dos níveis de categoria que constituem o “tipo de tema” permitiu um reagrupamento do material, que resulta numa nova forma de organizar e apresentar os dados, agora com novas categorias, como se pode observar na Tabela 3. A primeira categoria a emergir é “família”, o resultado da junção dos níveis de categoria que se reúnem numa área de intimidade: “morte/luto”, “emigração”, “casamento/família”, “saúde”, “mar/vida marítima”, “assistência aos outros”, “vida doméstica”, “infância” e “terceira idade”. Estes níveis apelam para um sentido íntimo nas temáticas abordadas pelos textos escritos por mulheres, reunindo 94 ocorrências, que equivalem a 47% do total.

ÁREA	CATEGORIA	NÍVEIS DA CATEGORIA	TOTAL	TOTAL %
ÁREA ÍNTIMA	FAMÍLIA	Morte/luto	38	47%
		Emigração	21	
		Casamento/família	19	
		Saúde	5	
		Mar/vida marítima	5	
		Assistência aos outros	3	
		Vida doméstica	1	
		Infância	1	
		Terceira idade	1	
			Total	
ÁREA MISTA	ARTE E CURIOSIDADE	Criação literária	78	41,5%
		Artes e espetáculos	2	
		Lazer/tempos livres	2	
		Beleza	1	
		Total	83	
ÁREA SOCIAL	INTERVENÇÃO PÚBLICA	Religião	8	8,5%
		Estudos/educação	4	
		Trabalho/profissional	2	
		Justiça/tribunais	1	
		Política/economia	1	
		Negócios/comércio	1	
	Total	17		
OUTROS		TOTAL	6	3%
		TOTAL	200	100%

Tabela 3: Ocorrências da “área íntima”, da “área mista” e da “área social”, nos textos escritos por mulheres, na década de 1950

De seguida, com 83 ocorrências (ou 41,5% do total), surge a categoria “arte e curiosidade”, uma categoria que abarca os tipos de tema relacionados com assuntos que invocavam um sentido artístico: “criação literária”, “artes e espetáculos”, “lazer/tempos livres” e “beleza”. Esta nova categoria insere-se numa “área mista”, que transita entre as esferas da intimidade e da exposição social.

Os restantes níveis – “religião”, “estudos/educação”, “trabalho/profissional”, “justiça/tribunais”, “política/economia” e “negócios/comércio” – foram reunidos numa nova categoria denominada “intervenção pública” ou “área social”. Esta área é a que se mostra menos discutida nos textos escritos por mulheres, pois o seu impacto de 8,5% do total contrasta com os 41,5% correspondentes à “área mista” e com os 47% correspondentes à “área íntima”. Na Tabela 3 é possível ainda identificar a ocorrência de outras temáticas, identificadas como “outros”, e que correspondem a 3% do total, com apenas 6 ocorrências. Neste ponto, salienta-se o facto de os dois níveis de categoria mais discutidos pelas autoras – “criação literária” e “morte/luto” – fazerem parte de dois grupos distintos de temáticas que deram origem a duas novas categorias: “arte e curiosidade” e “família”.

No que diz respeito à análise da categoria “tipo de texto”, foram considerados onze níveis diferentes que se encontram presentes na Tabela 4.

CATEGORIA	NÍVEIS DA CATEGORIA	1950	1951	1954	1955	1958	1959	TOTAL	%
TIPO DE TEXTO	Nota breve	7	5	9	10	11	4	46	25,3%
	Poema	4	13	21	5	1	1	45	24,7%
	Agradecimento	3	6	5	4	4	17	39	21,4%
	Conto	5	2	0	3	4	4	18	9,9%
	Crónica poética	0	0	5	2	3	1	11	6,1%
	Informação pública/ aviso	6	1	0	0	1	0	8	4,4%
	Carta	1	1	1	0	1	0	4	2,2%
	Reportagem	3	0	1	0	0	0	4	2,2%
	Anúncio	0	0	0	0	1	1	2	1,1%
	Entrevista	0	0	0	0	1	0	1	0,5%
	Notícia	0	0	0	0	1	0	1	0,5%
Outros	0	1	2	0	0	0	3	1,6%	
<b>TOTAL</b>		29	29	44	24	28	28	182	100%

Tabela 4: Ocorrências da categoria “tipo de texto”, nos textos escritos por mulheres, na década de 1950

Na Tabela 4 verifica-se que as mulheres escrevem sobretudo textos que se inserem nos níveis de categoria “nota breve” (46 ocorrências ou 25,3% do total), “poema” (45 ocorrências ou 24,7% do total) e “agradecimento” (39 ocorrências ou 21,4% do total). Os restantes temas encontram-se entre os 0,5% e os 9,9% do total de ocorrências.

A análise dos textos revela ainda que as “notas breves” são pequenas notas que correspondem sobretudo a informações publicadas por mulheres sobre a temática “emigração”. Já os níveis de categoria “poema” e “agradecimento” (bastante utilizados) estão relacionados com os níveis de categoria “criação literária” e “morte/luto”, respetivamente.

Já em relação ao “sentido do discurso”, a maioria das autoras das peças apresenta um discurso neutro (77 ocorrências ou 42,3% do total). O discurso no feminino é, sobretudo, curto e informativo, especialmente quando se trata de agradecimentos e de notas breves. A mesma neutralidade se verifica na “criação literária”, que apesar de ter um cunho imaginativo e emotivo, não revela, por exemplo, a intenção de intervenção social crítica nem mesmo uma dimensão autoral própria.

No estudo também foi apurado o “tipo de linguagem”, que pode ser “conotativo” ou “denotativo”. Aqui, apesar de haver uma pequena diferença precedente dos dois tipos de linguagem, apura-se que é mais utilizada a linguagem conotativa pelas mulheres que escrevem neste jornal (103 ocorrências ou 56,6% do total), o que está de acordo com o facto de estas desenvolverem sobretudo “criação literária”. Trata-se de autoras com tendência para utilizar, na descrição dos factos, uma linguagem sensível, emotiva e com conteúdos pouco latentes, o que as leva, em vários casos, a utilizar uma linguagem conotativa, mesmo em notas meramente informativas. Apesar dos seus discursos serem maioritariamente neutros, a sua linguagem remete para diferentes sentidos, articulados com valores afetivos e sociais.

No que diz respeito à identificação de hierarquias de género e/ou social, verifica-se que, na esmagadora maioria dos casos, não é identificada qualquer tipo de hierarquia (89,6 % do total). As autoras não deixam transparecer facilmente relações de hierarquia social ou de género, e raramente tomam posições críticas.

A última categoria de análise é a que pretende identificar a origem das autoras das peças. A maior parte das mulheres que escreve no jornal é de Ílhavo, embora exista uma percentagem significativa de autoras que não é (31,9%). As autoras ilhavenses estão particularmente associadas à temática da “morte/luto”, pois são as que escrevem os agradecimentos lutosos.

## 6.2 DISCUSSÃO SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL NO FEMININO

Com base nos dados apresentados relativamente à categoria “hierarquia”, os discursos destas mulheres não refletem diretamente relações hierárquicas. Todavia, uma leitura atenta dos dados indica que essas relações de poder existem, mas não se encontram à superfície dos textos. Ora, o objetivo desta análise vai ao encontro de um dos papéis fundamentais dos Estudos Culturais, que é procurar desvendar e explicitar as relações que existem entre as práticas socioculturais e o poder (Foucault, 2006). No caso dos textos que foram escritos por mulheres no jornal *O Ilhavense*, estas relações de poder sobressaem através da análise do conteúdo discursivo e na tentativa de analisar se estes textos são excluídos (ou se excluem) da representação mediática.

Começando pela quantidade de textos produzidos por mulheres, percebe-se que a sua intervenção social é quase nula quando comparada com a produção masculina. De facto, em 10104 peças escritas n’O *Ilhavense*, apenas 182 foram escritas por mulheres, o que corresponde a 1,8% da produção escrita (ver Tabela 1). Estes dados são fundamentais para perceber a representação mediática da dinâmica de género, na década de 1950, que tendencialmente maximiza o masculino, enquanto menoriza o feminino. E, para além da produção reduzida (espelho de uma representação feminina limitadíssima), importa identificar e analisar em que circunstâncias as mulheres escrevem e quais as áreas em que se encontram efetivamente envolvidas.

Em relação às circunstâncias em que estas mulheres publicam, ressalva-se que a maioria dos textos escritos por mulheres n’O *Ilhavense* é duplamente condicionada, pois as peças são selecionadas e publicadas em páginas dirigidas e orientadas por homens<sup>11</sup>, e posteriormente passam ainda pelas mãos da censura (procedimento comum na época), que era composta igualmente por homens. De facto, os textos destas autoras, sobretudo os de “criação literária”, não são publicados livremente nas páginas do jornal, estando submetidos ao espaço físico e simbólico deixado para rubricas específicas. Assim sendo, estas autoras têm que responder aos requisitos de cada rubrica, cumprindo com as exigências dos seus diretores. Estas restrições colocadas na seleção dos textos e das temáticas são uma das formas socialmente institucionalizadas para regular comportamentos e atitudes socialmente espectáveis, sobretudo para o género. Os homens, como maioria, como Ser Absoluto – nas palavras de Beauvoir

<sup>11</sup> Com a exceção da rubrica “Miscelânea”, que surge em 1959, e que é orientada por Maria José Sacramento.

(1977a) – criam mecanismos diluídos de normatização para a minoria, o Outro, ou seja, o género feminino.

Em relação às áreas em que as mulheres estão envolvidas, o espaço real, racional e político, considerado de verdadeira intervenção social, está afastado da produção discursiva feminina nestes jornais (como se pode ver pelas Tabelas 2 e 3). Repare-se que, embora as áreas “religião” e “estudos/educação” (em que as mulheres entram, mas numa dinâmica secundária) tenham algumas ocorrências, as restantes áreas de forte intervenção social como, por exemplo, “justiça/tribunais”, “trabalho/profissional”, “negócios/comércio” e “política/economia” são quase nulas. De facto, a área social encontra-se afastada da produção feminina no jornal *O Ilhavense*, o que demonstra que as autoras parecerem encontrar obstáculos na abordagem de determinados temas e/ou também elas próprias se distanciam desses assuntos.

Este panorama não implica que as mulheres tenham mais ou menos poder que os homens nestas áreas sociais específicas (até porque o poder não é aqui admitido como algo que se possui), mas apresenta uma realidade onde as mulheres são excluídas do exercício do poder, por regulação da sociedade e por adoção de um mecanismo pelo qual as mulheres ajustam os seus próprios discursos àquela mesma realidade. Estas tecnologias normativas (Foucault, 2010), que se encontram infiltradas na sociedade, podem, consciente ou inconscientemente, seccionar as áreas de intervenção dos sujeitos de acordo com o seu género, algo que acontece neste jornal.

Uma visão global permite, portanto, detetar que as áreas do mundo privado são as mais representadas pelas mulheres (cerca de 47% das ocorrências, como se pode verificar com a Tabela 3), mais especificamente as temáticas relacionadas com a família. Esta conclusão vai ao encontro da revisão de literatura da especialidade, que afirma que, na maior parte dos casos, as mulheres publicam (ou são publicadas) numa envolvência privada ou sexualizada. Mais especificamente, a revisão bibliográfica destaca como tradicionalmente femininos os tópicos da família, das crianças, da assistência aos outros, da educação e da vitimização sexual. A esta limitação de “temáticas femininas” junta-se, no período pós-guerra, o apelo da sociedade para que as mulheres voltem à esfera privada e à vida doméstica, incentivando a diminuição da sua participação social, sobretudo em atividades decisivas e com forte impacto civil.

Neste estudo, o destaque vai para uma área que não é habitualmente referida na literatura da especialidade, nem nos estudos de caso, embora alguns dos tópicos que a compõem sejam frequentemente referenciados.

Trata-se da área artística e de curiosidade, considerada aqui uma “área mista” (por envolver o mundo privado e o íntimo) e que tem também bastante projeção na produção feminina, com 41,5% das ocorrências (ver Tabela 3). Esta área, que engloba as temáticas da “criação literária”, das “artes e espetáculos”, do “lazer/tempos livres” e da “beleza”, permite às autoras circular entre a esfera privada e a pública, sobretudo no caso da “criação literária” que surge com um número esmagador de ocorrências.

Em suma, a análise efetuada permite perceber que o feminino, no jornal *O Ilhavense*, na década de 1950, se expressa através da produção literária e do discurso sobre a morte e/ou o luto, temáticas que se afastam das áreas de verdadeira intervenção social. Esta afirmação vai ao encontro de uma realidade que revela os estudos das relações de poder (relações aparentemente invisíveis na dimensão explícita dos textos analisados), que se revela negativamente para a mulheres (Beauvoir, 1977b) e deixa todo um campo de intervenção social para os homens, pois nos jornais analisados, os homens seguem vários caminhos, penetrando em variadas áreas da vida política e sociocultural de Ílhavo, através de distintos tipos de texto, inclusive os de índole literária. Já as mulheres parecem caminhar num sentido mais limitado, demonstrando ter uma espécie de identidade monocromática, imposta e, ao mesmo tempo, aceite por elas, que as remete sistematicamente para as esferas privada e mista (“arte e curiosidade”).

Segundo Simone de Beauvoir (1977a), é a masculinidade (conotada com a normalidade ou a regra) que define a mulher (vista como a diferença ou o Outro). Nesta lógica, o homem nega-se consecutivamente a ser o Outro, e, embora a tendência seja para que o Outro resista e reaja com o mesmo comportamento, as mulheres afastam-se do seu direito de reivindicação pela libertação destas redes relacionais. Para Bourdieu (1999, 2000), esta realidade deve-se a uma incorporação da construção social da dominação masculina que as mulheres foram adquirindo, e que resulta de imposições simbólicas históricas. Esta posição teórica permite compreender as razões pelas quais as autoras aqui estudadas são em tão reduzido número e limitadas a determinadas áreas de produção discursiva, sem aparentemente expressarem resistência.

Com efeito, os homens têm, neste jornal, várias possibilidades de atuação, e até vários papéis a adotar de acordo com as circunstâncias ou as temáticas que trazem à discussão; já as vozes ou os perfis das mulheres são limitados e até monótonos. Esta é uma das formas de circulação do poder. De facto, apesar de não existirem hierarquias “visíveis” ou diretas nos discursos das mulheres, é possível entender os significados que estão por



detrás dos dados. Quando, num universo de 10.104 textos, apenas 1,8% foram escritos por mulheres, e quando destes apenas algumas áreas lhes estão circunscritas, emerge a ideia de que o mundo em que vivem possui dinâmicas “generificadas”, onde determinados temas estão simplesmente fora do alcance expositivo feminino.

A afirmação anterior vai ao encontro das posições de Bourdieu (1999) e de Mota-Ribeiro & Pinto-Coelho (2005), que assinalam a limitação do género feminino em relação à dominação histórica e simbólica do género masculino. Contudo, tendo em conta a linha de pensamento teórico aqui seguida, não parece razoável afirmar que se houvesse, por exemplo, um maior número de mulheres a produzir conteúdos neste jornal, isso significaria a disseminação do género feminino em outros tipos de tema ou de texto e, paralelamente, em outros assuntos representativos da sociedade em questão. Quer isto dizer que se existissem mais autoras neste jornal, isso não implicaria necessariamente que escrevessem mais sobre outros temas.

Regressando aos resultados da análise dos dados, o cruzamento das dimensões permite perceber que quando as mulheres escrevem textos, a “criação literária” é a temática que se evidencia, enquanto os tipos de texto relacionados, são, maioritariamente, o “poema” e o “conto” (ver Tabela 4). A leitura destes poemas e contos deixa subentender que as escritoras destas peças revelam discursos fortemente fantasiosos e emocionais, que permitem a partilha de afetos, emoções e experiências íntimas num registo muito leve e superficial (até algo infantilizado), muito à maneira do que hoje se designaria por “literatura *light*”. Acrescenta-se ainda que os poemas se encontram, na sua maioria, vazios de sentido, superficiais e incapazes de atingir uma dimensão crítica.

Em relação ao sentido do discurso da temática da “criação literária”, percebe-se que este transita entre o “laudatório”, o “crítico”, o “neutro” e até o “misto”. Os distintos sentidos dos discursos das autoras revelam que a posição destas mulheres, face às representações do mundo (sobretudo emotivas), é diversa, encontrando-se estes sentidos dependentes do tipo de texto e do conteúdo que é desenvolvido. Denota-se, portanto, uma espécie de “neutralidade” no tratamento do social.

Em relação à linguagem utilizada, no caso da temática da “criação literária”, deteta-se que é fortemente conotativa. As autoras usam uma estratégia literária tendencialmente conotativa, na medida em que as suas palavras têm, muitas vezes, um sentido figurativo estereotipado, sobretudo quando se trata de poemas. Ressalta-se apenas que, na maior parte dos casos, os sentidos figurados são utilizados com uma forma expressiva vazia, e não com um sentido moral ou simbólico.

Neste ponto é fundamental perceber que, mais do que uma área de atuação ou de representação, que permite às autoras expressar a sua visão da realidade, a “criação literária” parece ser o registo no qual as mulheres se sentem mais à-vontade. De facto, a “criação literária” não é uma “coisa” feminina, visto que outros textos analisados nesta categoria de produção literária estão repletos de autores masculinos, mas é através da “criação literária” que o feminino se expressa. Nestes textos, as autoras partilham um imaginário lírico, que lhes permite uma espécie de refúgio para um mundo alternativo, onde produzem maioritariamente narrativas descritivas, afastando-se da produção de intervenção social e moral, e das discussões de cunho teórico ou político.

Outro facto interessante prende-se com a origem destas autoras que, em grande parte, não são de Ílhavo, mas encontram aqui um espaço para exporem a sua identidade imaginária, fantasiosa e marcadamente emotiva. As autoras são sobretudo brasileiras (que publicam através da rubrica “Falemos do Brasil”) ou nacionais (as que publicam através das rubricas “Gente moça” e “Miscelânea”). Na verdade, a diversidade e a internacionalização das autoras demonstra que, apesar d’O *Ilhavense* ser considerado um jornal regional, a sua projeção ultrapassa fronteiras locais e nacionais. Por outro lado, esta realidade permite questionar o papel da projeção social da mulher ilhavense e o seu lugar na esfera pública, uma vez que não há grande espaço para a sua produção textual no jornal de maior importância de Ílhavo.

O *Ilhavense* transforma-se assim num espaço para a publicação de contos, poemas, informações públicas e informações de índole privada<sup>12</sup>, isto é, um espaço multifuncional, mas que, no caso da produção no feminino, revela uma identidade recheada de fantasia hiper-romântica e assinaladamente emotiva. Os textos escritos por mulheres são, por consequência, representativos de uma existência que ignora a realidade socioeconómica, mas que é focada na esfera familiar e artística, esta última centrada particularmente na produção textual de implosão emotiva. O conto “Naufrágio” de Maria José Sacramento, publicado no jornal de 20 de maio de 1958, na rubrica “Gente Moça”, ocupa cerca de meia página e trata-se de um exemplo de produção literária trágico-romântica explorada quase ao limite, como se pode ver pela seguinte passagem:

novamente a luz iluminou o mar. Longínquos, chegavam  
à praia gemidos angustiosos, gritos de almas em aflição e

<sup>12</sup> Repare-se que aqui o espaço íntimo (ou privado) invade, sucessivamente, o espaço público.

que se sobrepunham ao barulho das ondas e do vento. E eles além, quase perto de terra e incapazes de avançar! Espavoridas, as mulheres mergulhavam nas águas, queriam elas atirar-se às ondas e salvar os seus homens. Os gritos vindos do mar chocavam-se no espaço com os idos de terra. Outro fecho de luz. O barco desaparecera. Espetáculo infernal. Lágrimas. Mãos crispadas esgatanhavam os rostos. Corpos gelados reboavam sobre a areia húmida. Soluços de mistura com padre-nossos e ave-marias. (*O Ilhavense*, 1958, 20 de maio, p. 2)

No que diz respeito ao tema da “morte/luto” (o segundo “tipo de tema” com mais ocorrências), repare-se que, apesar de ser referido ao longo dos anos analisados, apenas ganha destaque no ano de 1959 (ver Tabela 2), onde consegue ultrapassar (por mais do dobro) o número de ocorrências do tema “criação literária”. Associado ao tema da “morte/luto” está o “tipo de texto” que se apelidou de “agradecimento”. Trata-se aqui de textos em que as mulheres são “autoras” de inúmeros agradecimentos lutuozos pela morte de familiares, como se pode verificar pelo exemplo que se segue:

a esposa, filha e genro e toda a demais família do falecido José Marques, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que o acompanharam no seu funeral e lhe enviaram sentidos pêsames. Ílhavo, 15 de junho de 1959. Maria da Silva Marques e Família. (*O Ilhavense*, 1959, 20 de junho, p. 4)

Embora estes textos sejam assinados por mulheres (sobretudo por mulheres que são de Ílhavo), restam muitas dúvidas sobre a legitimidade da sua autoria. Quer isto dizer que, na maioria dos casos, parece existir um modelo de escrita fornecido pelo jornal, que depois é apenas assinado pelas mulheres em luto; e apesar de não parecer haver espaço para hierarquias visíveis, é certo que se notam diferentes tipos de modelo de escrita lutuosa que são escolhidos e publicados de acordo com a importância social da família.

Apesar destes textos não possuírem uma função poética ou moralizante, deteta-se uma carga simbólica associada, embora de forma sombria. Efetivamente, Ílhavo é um espaço social onde os homens são vítimas do mar, por vezes demasiado cedo, pelo que as mulheres parecem especializar-se, por força das circunstâncias, em lidar com a morte e o luto, afastando-se de uma apropriação lírica deste (como acontecia com a temática da “criação literária”), e optando por uma via mais realista e sóbria. Esta visão tão pragmática da mulher de Ílhavo (e talvez de todas aquelas que vivem

em comunidades piscatórias deste género) surge da necessidade de lidar tão abruptamente com duas condições extremas: a vida e a morte. As subscritoras destas notas ltuosas parecem demonstrar todas estas características, exaltando uma espécie de *endurance* identitária, muito sofrida por conta das circunstâncias, mas sobretudo muito naturalizada e pouco evasiva.

### 6.3 OS PERFIS DE MULHER-AUTORA: “MULHER-PRÁTICA” E “MULHER-EMOTIVA/FANTASIOSA”

Neste estudo, embora o tema “família” seja objeto de uma produção textual significativa, a identidade da mulher-autora não revela um perfil esperado de mãe, esposa ou educadora. Porém, a análise dos textos produzidos por estas mulheres conduziu a dois modos muito estereotipados de se apresentarem: “mulher-emotiva/fantasiosa” e/ou “mulher-prática”.

A “mulher-emotiva/fantasiosa” é aquela que trabalha um espaço literário de implosão das emoções, onde transparecem os seus sentimentos através de diversos sentidos discursivos. Pelo contrário, a “mulher-prática” é aquela que discursa acerca da morte com uma simplicidade natural e um carácter meramente informativo e socialmente codificado. Estes perfis surgem como uma espécie de “identidades prontas” (Damean, 2006), que desempenham um papel fundamental na educação social dos sujeitos, principalmente no que diz respeito aos seus comportamentos de género.

A imagem emotiva/fantasiosa que as autoras deixam transparecer através dos seus discursos, contribui para um acentuar da dualização tradicional do conceito de género, que se reflete na estereotipia do perfil feminino. Neste caso, é acentuada a exposição identitária no binómio homem/mulher-objetivo/subjetiva-racional/emotiva que tantas vezes é apresentada pelos meios de comunicação, sobretudo em meados do século XX.

O facto de se identificar um perfil de “mulher-prática” demonstra que *O Ilhavense* era um palco onde parecem ser representadas algumas mudanças na sociabilização de género, por razões muito particulares da vida em Ílhavo. Usualmente conotado com o emotivo, o género feminino foge, neste caso, desse papel e assume uma relação prática com a morte. Pretende-se aqui interpretar este perfil como uma espécie de subtil representação de resistência, pois estas mulheres procuram lidar com a dor da morte, mas evitando o sentimentalismo com que usualmente são conotadas, surgindo antes uma sobriedade e solenidade textual que a gravidade da morte impõe. Mais uma vez, isto não implica que esta forma de resistência tenha sido uma escolha consciente, pois estas mulheres podem ter sido apenas orientadas para assinar textos pré-fabricados pelo jornal, como

já foi anteriormente referido. Todavia, as vivências destas mulheres, centradas no universo “família”, onde a maior parte das vezes são obrigadas a tomar decisões sozinhas, criam nelas uma forma naturalmente sóbria e grave de lidar com a perda.

Curiosamente, e em qualquer dos casos – “mulher-prática” ou “mulher-emotiva/fantasiosa” –, apesar das autoras representarem universos distintos, a grande maioria participa de uma espécie de processo de “não-identificação”, pois não deixa uma marca pessoal identitária nos seus textos. Estas mulheres, cujos discursos – quer os emotivos, quer os práticos – se afastam da teorização crítica e da intervenção social, parecem entender também que a vida quotidiana em geral (e as suas em particular) não tem interesse público, despersonalizando-se e criando um perfil social de “não-identificação”.

## CONCLUSÃO

Na verdade, os discursos do feminino contidos n’O *Ilhavense* não deixam transparecer uma identidade própria, singular e em oposição ao socialmente instituído, na medida em que o Eu feminino nunca retoma a si livre do Outro masculino. Assim sendo, e nesta fase, importa trazer para a discussão a pergunta que orienta esta investigação: era ou não Ílhavo (na década de 1950) uma sociedade matriarcal?

No que diz respeito à produção escrita no feminino, Ílhavo não era representado como uma sociedade matriarcal. Antes pelo contrário, Ílhavo era representado na imprensa local como uma sociedade marcadamente masculina, onde as mulheres têm pouquíssima voz, estão sujeitas a restrições no espaço de publicação e circunscritas a um conjunto de temáticas que se limitam à envolvimento com a família e com as artes. Todas as restantes atividades críticas ou cívicas, de verdadeira mediação ou intervenção social, estão afastadas do seu universo. Para além disso, estas mulheres adotaram uma identidade assumidamente estereotipada, e que, na grande maioria dos casos, oferece pouca resistência à imposição das estruturas de poder masculinas. A única forma aparente de resistência a estas estruturas é visível apenas quando as mulheres ilhavenses falam sobre a morte e expressam o seu luto de uma forma sóbria, o que contrasta com uma reação emotiva que se poderia esperar nestes casos.

Neste estudo surge uma outra questão pertinente: entrará esta mulher – representada como emotiva e fantasiada, e também prática e racional – em contraste com um homem lógico, crítico e político? Para responder

a esta questão seria necessária uma análise meticulosa aos textos escritos por homens, algo que este estudo não abrange. Todavia, esta investigação deixa transparecer, no que diz respeito à temática da morte/luto, que tanto homens como mulheres estão num nível de igualdade visível na codificação dos textos – homens e mulheres apresentam uma linha textual lógica e pouco emotiva. Ou seja, a reação socialmente esperada de maior frieza dos homens em lidar com a morte é também partilhada pelas mulheres (o que aqui pode reabrir a discussão da verdadeira autoria dos textos lutosos).

Quando se compara os textos, dentro da mesma temática, escritos por homens e por mulheres, no que diz respeito à “criação literária”, a mulher é mais evasiva, enquanto o homem consegue ter uma forma de expressão mais crítica, deixando transparecer, por exemplo, um carácter moralizador nos contos e uma maior profundidade poética nos poemas. De qualquer forma, as mulheres-autoras – tanto na “criação literária”, como na “morte luto” – caracterizam-se por possuírem, de forma geral, um perfil de “não-identificação”.

De forma mais alargada, as diversas análises/discussões realizadas neste estudo permitiram determinar que *O Ilhavense* oferece uma representação discursiva de um homem socialmente interventivo, racional, moralizador e cuidador, e de uma mulher-objeto, dependente, moral e socialmente vigiada, erotizada (corpo/beleza), cuidadora dos outros e da família, e sem autoridade ou lugar de destaque nas áreas de intervenção social. Este modelo comprova que *O Ilhavense* (na década de 1950) segue aquilo que Rosi Braidotti (2002) apelidou de “lógica do mesmo”. A resolução teórica de Braidotti (2002) para esta problemática passa por encontrar caminhos/perfis alternativos entre o binarismo. Já para Butler (1990, 2004) torna-se fundamental valorizar o sujeito como ser humano, antes de pensá-lo com base na sua diferença de género no âmbito de um qualquer binarismo discursivo.

## FINANCIAMENTO

Este estudo faz parte de uma investigação de doutoramento em Estudos Culturais (Universidades de Aveiro e do Minho), sobre a temática *Relações de poder e identidade(s) de género: a sociedade “matriarcal” de Ílhavo na década de 1950*, financiada, no domínio das Ciências da Comunicação e Informação, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)/POPH/FSE

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, J. (2005). O cerco ideológico do Estado Novo à imprensa de «provincia». *Caleidoscópio – Revista de Comunicação e Cultura*, 5/6, 265-300.
- Beauvoir, S. (1977a). *Le deuxième sexe. Les faits et les mythes*, Vol.1. Paris: Éditions Gallimard.
- Beauvoir, S. (1977b). *Le Deuxième Sexe. L’expérience vécue*, Vol.2. Paris: Éditions Gallimard.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2000). Sobre el poder simbólico. In P. Bourdieu, *Intelectuales, Política y Poder* (pp. 65-73). Buenos Aires: UBA/Eudeba.
- Braidotti, R. (2002). *Metamorphoses: Towards a materialist theory of becoming*. Cambridge, Malden: Polity Press.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Nova Iorque: Routledge
- Damean, D. (2006). Media and gender: constructing feminine identities in a postmodern culture. *Journal for the Study of Religions and Ideologies*, 5(14), 89-94.
- Foucault, M. (1972). *The Archaeology of knowledge*. Londres: Tavistock.
- Foucault, M. (2006). *Estratégia, poder-saber. Organização de Manoel Motta*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária
- Foucault, M. (2010). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis. Editora Vozes
- Guerra, I. (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora.
- Mota-Ribeiro, S. & Pinto-Coelho, Z. (2005). Imagens de mulheres na imprensa portuguesa. In A. Fidalgo et al (Eds.), *Atas do IV Congresso da SOPCOM* (pp. 1941-1951). Aveiro: Universidade de Aveiro. Retirado de <http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/article/view/3333/3093>
- Pereira, M. (2006). Espelho meu, espelho meu: o reflexo social da literatura light. In V. Jorge (Ed.), *Cultura Light* (pp. 169-175). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Retirado de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7602.pdf>

Priest, S. (1996). *Doing media research: An introduction*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Citação:

Maia, S., Baptista, M. M. & Martins, M. L. (2017). Quando a análise de conteúdo “vai mais além”: análise de textos escritos por mulheres n’O Ilhavense. In Z. Pinto-Coelho, T. Ruão & N. Zagalo (Eds.), *Arte, Políticas e Práticas*. V *Jornadas Doutorais Comunicação e Estudos Culturais* (pp. 161-184). Braga: CECS.